

**As imagens da cultura negra na escola e a prática docente:  
uma questão de identidade.**

Francione Oliveira Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da discussão multiculturalista do filósofo Charles Taylor sobre a questão da identidade, essa pesquisa investigou como as ações humanas e os posicionamentos morais dos professores interferem na abordagem que fazem do negro no cotidiano escolar. Concentrou-se na análise das imagens e dos temas afro-brasileiros utilizados pelos professores de História, Arte e Língua Portuguesa da cidade de São Paulo e região metropolitana.

**Palavras-chave:** Identidade do professor; Cultura Afro-brasileira; Imagens.

**Abstract:** From the discussion of multiculturalism philosopher Charles Taylor on the issue of identity, this research investigated how human actions and the moral attitudes of teachers affect the approach that make the black in the school everyday. Focused on the analysis of images and themes used by african-Brazilian teachers of History, Art and Portuguese Language in São Paulo and the metropolitan region.

**Keywords:** Identity of the teacher; Afro-Brazilian culture; Images

Esse texto é consequência da discussão levantada a partir da dissertação de mestrado *As Imagens da Cultura Negra utilizadas em sala de aula como reflexo da identidade do professor: Um estudo sobre a prática e a formação dos professores de História, Arte e Língua Portuguesa* defendida em janeiro de 2008, no Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo.

Objetivou-se com a presente investigação colaborar no processo de reconhecimento da identidade do professor de História, Arte e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio por meio da análise das imagens do negro que ele adota em suas aulas. Partimos da hipótese que as representações imagéticas e os discursos adotados pelos professores podem mostrar como eles reconhecem tanto a si mesmo como os outros, já que os indivíduos são como diz Charles Taylor, animais interpretativos de si e do mundo. Acreditamos também, que ao investigarmos a prática dos professores, deparamo-nos com a problemática da formação pedagógica e política desses profissionais.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela mesma instituição. Professor do curso de Pedagogia e Design Gráfico da Uniradial – Estácio, na cidade de São Paulo. Apoiado pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa – MACKPESQUISA

As *representações* são um conceito-chave na recuperação das dimensões culturais realizadas nos anos oitenta pelo multiculturalismo, por que elas são uma construção interpretativa da realidade feita por meio de valores, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboram a partir de concepções de mundo. Tais *representações* são também portadoras de símbolos que expressam significados elaborados na esfera tanto social como histórica e que, internalizam-se na vida comunitária por meio de valores e modos específicos de se avaliar as questões conflituosas que surgem na convivência humana.

Compreender as *representações* e os diversos discursos que durante toda a história do Brasil fizeram parte da abordagem do negro e de sua identidade e de como aparecem no cotidiano escolar foi outro objetivo desse trabalho, além da investigação de como a implantação da Lei nº 10.639/2003 afetou o currículo escolar, já que ela traz o debate sobre o papel da cultura na escola e na formação dos professores.

O multiculturalismo pode ser analisado como um sintoma indicador de uma mudança das práticas políticas de grande importância no interior das sociedades ocidentais contemporâneas. A perda de referenciais por parte de numerosos grupos sociais, foi uma das causas principais das reivindicações identitárias e culturais. Não é sem razão que o multiculturalismo traz à tona as reivindicações de determinadas minorias para que sua especificidade e sua identidade sejam reconhecidas no espaço político. Uma das conseqüências das reivindicações políticas das minorias é a criação de leis, que podem incidir na simples concessão de direitos ou privilégios especiais até à concessão de formas de autonomia política e governamental.

No Brasil ganham destaque os inúmeros projetos de implantação das chamadas políticas de ações afirmativas para a população negra e afro-descendentes. No início de 2003 foi sancionada pelo Presidente da República a Lei Federal n.º 10.639 de 09 de janeiro do referido ano, que altera a Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determinando a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Apesar do avanço desta lei para o processo de reconhecimento da cultura e história afro-brasileira, ela por si só não é suficiente para implementar as mudanças necessárias de realização das políticas almejadas. Eis o motivo de ela ganhar uma espécie de reforço de dois documentos: o Parecer do Conselho Nacional de Educação – Câmara Plena (CNE/CP) n.º 03, de 10 de março de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a Resolução do Conselho Nacional de Educação – Câmara Plena (CNE/CP) n.º 01, de 17 de junho de 2004, que institui

as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Esses documentos estabelecem a fundamentação legal para que se instaure em todas as instituições escolares públicas e privadas do país, o estudo da História e da Cultura das populações africanas e afro-brasileiras. Além das escolas, deseja-se que tais estudos referentes a história e a cultura das populações africanas e afro-brasileiras faça parte do currículo de todos os cursos de formação de professores em todo território nacional.

O ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, refere-se em especial, aos componentes curriculares de Arte, Língua Portuguesa/Literatura e História do Brasil. Isso ocorre pela abrangência de temas presentes nessas disciplinas, além do uso de estratégias variadas como a arte, a música e as imagens.

Os teóricos do multiculturalismo também afirmam que a imagem colabora no processo de reconhecimento, já que a produção de identidades é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação de convivência. Os outros, que marcam a diferença, são múltiplos, tais como os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se sobrepõem em uma mesma pessoa.

Ao analisarmos as imagens dos negros no Brasil, inevitavelmente, chegaremos em quem as produziu e em quem as escolheu. E nessa relação é possível percebermos que as imagens estendem-se além do outro que é visto, porque contam sobre a identidade e as ações morais que orientam aquilo que somos, no sentido de nos dar formas de avaliação para aquilo que vemos e sentimos. Daí o cuidado que devemos ter para avaliar as imagens que elaboramos do outro. No caso, o cuidado que o professor deve ter nessa nova ordem educacional fundada em um currículo que traz à tona o universo da imagem cultural negra.

O núcleo documental para a realização dessa pesquisa foi resultado dos seguintes procedimentos: entrevistas gravadas em áudio com os professores participantes dessa investigação; análise dos livros didáticos utilizados por esses professores; pesquisa bibliográfica e iconográfica. O universo da pesquisa foi formado por vinte e quatro professores das disciplinas de História, Língua Portuguesa/Literatura e Arte, sendo oito entrevistados de cada disciplina. Dez profissionais da rede privada e catorze da rede pública, oriundos das cidades de São Paulo, Osasco, Mogi das Cruzes, Franco da Rocha e Cajamar.

Alguns entrevistados lecionam na mesma instituição de educação, portanto, foram representadas dezoito unidades escolares. A idade dos entrevistados estendeu-se dos 26 aos 61 anos, tendo dezoito mulheres e seis homens. Dos vinte e quatro entrevistados, dezoito declararam-se brancos, quatro negros, um pardo e um amarelo.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 27 de março à 27 de junho de 2007. O material resultante dessas entrevistas foi o suporte para o trabalho, e para conseguirmos responder as questões levantadas na investigação, o questionário de entrevista foi dividido em cinco eixos temáticos.

01) *Identificação do profissional e da escola onde ele trabalha* – Nesse eixo a ênfase recaiu sobre o conceito e a representação do negro para o sujeito e a presença de afro-descendentes<sup>2</sup> na equipe escolar onde atua;

02) *No tempo de estudante no Fundamental II e Ensino Médio* – Aqui procuramos saber quais foram os temas da cultura africana e afro-brasileira que tiveram contato na escola e como as experiências escolares e as estratégias utilizadas pelos antigos professores interferiram na sua maneira de perceber a questão étnico-racial;

03) *Durante a sua formação universitária* – Nesse item investigamos como se deu a sua formação profissional e como foi o preparo para a abordagem dos temas da cultura africana e afro-brasileira na escola;

04) *Sobre formação paralela ou continuada* – Esse eixo temático partiu da afirmação de que o exercício profissional não é composto apenas da formação superior ou da prática pedagógica, e sim, de todos os contatos sociais. Portanto, ele procurou analisar como os temas referentes à cultura negra aparecem e são vistos pelos sujeitos, tal como a religiosidade, a arte, a cultura e a questão das políticas afirmativas;

05) *Sobre a prática profissional* – Essa última parte interrogou como os professores utilizam as imagens do livro didático; quais são os critérios na escolha dos temas e das imagens referentes à cultura africana e afro-brasileira e quais desses temas são, para eles, os mais relevantes na educação dos alunos; a presença de ações preventivas contra o preconceito e racismo no seu planejamento escolar. Nessa parte, os professores apontaram as imagens que geralmente levam para a sala de aula e comentaram sobre o que desejam que os seus alunos percebam na análise iconográfica.

Os livros didáticos utilizados pelos professores entrevistados também serviram para fundamentar as questões relativas a abordagem da imagem do negro no ambiente escolar.

A partir das reflexões realizadas no decorrer dessa investigação, pudemos constatar que as configurações morais dos professores analisados interferem na representação que eles

---

<sup>2</sup> No decorrer do trabalho é utilizada com maior frequência a palavra *negro* ao referirmos aos descendentes de africanos. Essa escolha foi feita por ser esse termo o mais utilizado na literatura consultada, um dos motivos é devido a palavra afro-descendente ter ganho representatividade política recente. Portanto, nas entrevistas adoto esse termo por ele ser uma categoria que inclui tanto as pessoas consideradas negras como as consideradas mestiças, e principalmente porque o texto da Lei. 10.639/2003 recomenda a sua utilização quando nos referirmos as discussões contemporâneas.

têm da identidade do negro. As experiências vividas ou percebidas de preconceito incidem na maneira desses professores construir sua consciência étnico-racial.

A idéia de vitimização ou de luta constante dos afro-descendentes contra o preconceito aparece no discurso dos professores negros e revela um posicionamento diferenciado: enquanto os profissionais que revelaram ter sofrido algum tipo de preconceito serviram-se dessa experiência para refletirem sobre a sua condição enquanto negros e da necessidade de avanços na luta contra a diferenciação étnico-racial, os que não passaram por essas situações acreditam que a sociedade brasileira está mais tolerante e que oportuniza direitos independentes da origem étnica. Já a representação do negro que surge na fala de alguns professores que se declararam brancos, marcada pela vitimização e pela necessidade constante de defesa contra o preconceito é fruto não de suas próprias experiências, mas devido a forma que essa experiência chegou a eles.

Vemos que a capacidade dos professores de se pensar como indivíduo e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A percepção que eles possuem deles mesmos depende de estruturas cognitivas, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num cenário que surge das interações com os membros de seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais. É justamente essa percepção que faz com que diferentes professores façam diferentes tipos de seleção no interior da cultura e comprova que o modo pelo qual a informação é selecionada está ligada às crenças e valores que orientam suas vidas.

A partir das suas escolhas, os professores podem legitimar certas crenças enquanto deslegitimam outras. Na sala de aula, preferem incluir algumas formas de conhecimento enquanto excluem outras do currículo, e estas decisões tomadas no cotidiano escolar são políticas. Portanto, os professores devem ficar atentos a dimensão cultural e ideológica dos conteúdos escolares para não reproduzirem um discurso preconceituoso e conservador. Se toda educação supõe uma seleção no interior da cultura, é necessário a utilização de textos diversos que objetivem a cultura a partir de diferentes perspectivas.

A partir da análise dos livros didáticos utilizados pelos professores, concluímos que muitos deles procuram lançar olhares diferenciados sobre as questões culturais e sobre a cultura de matriz africana. Muitos dos livros produzidos e revisados a partir da Lei 10.639/2003 trazem um número maior de temas relacionados a temática negra, porém, não existe a preocupação em aprofundar os temas propostos, como também, em registrar corretamente as fontes das imagens utilizadas. Muitas imagens aparecem descontextualizadas

e são utilizadas apenas como reforço do texto escrito, não sendo percebidas como linguagem autônoma.

Há a necessidade urgente de reformular e aprofundar os temas da cultura negra presentes no material didático, porém, percebemos que de nada adianta reformulá-lo se a formação dos professores não for modificada e alterar a sua prática pedagógica. Mesmo os professores que afirmaram ter participado de cursos e oficinas sobre a cultura africana e afro-brasileira não utilizaram-se das informações adquiridas para modificar suas práticas. Acreditamos que um dos motivos disso ocorrer é devido ao hábito de muitos professores não questionarem sobre o seu próprio pensamento e sobre as configurações morais que têm fundamentado suas práticas pedagógicas, o que faz com que fiquem alheios ao seu próprio percurso profissional.

Percebemos que existem contradições entre o discurso e a prática dos professores, e um exemplo dessa constatação é quando questionados sobre o que desejam que os alunos aprendam com o estudo das imagens da cultura africana e afro-brasileira. Os profissionais são unânimes em afirmar que esperam desenvolver a criticidade dos alunos, porém, eles próprios não atentam-se para as imagens que levam para a sala de aula. Muitos professores alegam que utilizam continuamente as mesmas imagens devido a falta de tempo para a pesquisa iconográfica ou em razão da facilidade de trabalharem com um material já conhecido.

Os professores dos componentes curriculares analisados utilizam as imagens com objetivos diferenciados. Os professores de História vêem as imagens como uma construção histórica e ideológica, porém, observamos que no cotidiano escolar elas são usadas apenas como ilustração de temas. Elas são escolhidas mais pelo caráter informativo do que pelas representações que carregam. Para os professores de Arte, as imagens servem como um meio para os alunos adentram no universo da cultura erudita e codificada. Os profissionais entrevistados preocupam-se com as questões estruturais das obras, mas não questionam-se muito sobre os valores culturais presentes nas imagens e nas práticas pedagógicas. Já os professores de Língua Portuguesa/Literatura enfatizam a imagem como mais uma possibilidade de linguagem, entretanto, na sala de aula, a utilizam para reforçar o apelo emocional dos textos literários trabalhados, como ilustrações de temas ou ponto de partida para a escrita. Ou seja, a imagem é sempre usada para reforçar a palavra.

Para encerrarmos é importante enfatizarmos que a Lei 10.639/2003, modificada no ano de 2008, não propõe mudar um foco etnocêntrico por um africano, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural e étnica do povo brasileiro. Portanto, ao utilizarem imagens da cultura africana e afro-brasileira na escola, os professores devem se

questionar sobre a razão de escolherem tais imagens em detrimento de outras, e o que essa escolha comunica de suas próprias ações morais.

**Referências bibliográficas:**

ARAÚJO, Paulo Roberto Monteiro. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

**Identidades contemporâneas: criação, educação e política.** Porto Alegre: Zouk, 2006.

BRASIL, SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, MEC/SEPPPIR, 2004.

CARVALHO, Francione Oliveira. **As imagens da cultura negra utilizadas em sala de aula como reflexo da identidade do professor: Um estudo sobre a prática e a formação dos professores de História, Arte e Língua Portuguesa.** São Paulo: PPGEAHC/Mackenzie, 2008. (Cópia da dissertação de mestrado).

KINCHELOE, Joel L. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SACRISTÁN, J. Gimeno. GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

**Poderes Instáveis em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A construção da identidade moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

**Multiculturalismo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.